



LITERATURA E FACEBOOK: UMA OBRA A UM LIKE DE DISTÂNCIA

Gisele KRAMA¹

Recebido: 27/10/2015
Aprovado: 20/03/2016

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como as comunidades sobre literatura no Facebook ajudam a divulgar a obra de autores e como se dá a distribuição dos conteúdos em cada postagem. Pretende-se também verificar também o papel do intermediador no processo de seleção do conteúdo a ser publicado, o modo de fazer a publicação e o resultado em compartilhamento, comentários e curtidas. O objeto desta análise será a comunidade sobre o autor moçambicano Mia Couto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Redes sociais. Facebook. Comunidade. Mia Couto.

INTRODUÇÃO

As redes sociais abrem espaço não apenas para as pessoas se relacionarem informalmente e formalmente, mas se tornaram lugares de discussão sobre política, economia, lazer e artes. Cada vez mais as instituições querem estar presentes nestes mecanismos para divulgar seus conteúdos diretamente, numa espécie de conversa para que o público interaja, curta as publicações ou os links em meio a textos, imagens e vídeos de entretenimento. Dentro desta avalanche informacional, um grupo que tem se aberto às potencialidades e as nuances das redes sociais é o de artistas.

Em contato direto com o público, o artista encontra uma maneira de divulgar suas obras, principalmente quando não tem espaço nos meios formais, como a imprensa, periódicos. Mesmo quem já está consolidado no mercado lança-se às desventuras do Facebook, do Twitter, do Pinterest para divulgar as obras e sentir o retorno do público. De outro lado, as redes também propiciaram espaço para discutir entre iguais e diferentes vários aspectos dos seus autores favoritos. No mesmo lugar é possível ter quem conhece muito das obras e quem está chegando ao universo da literatura há pouco tempo.

Uma pessoa pode criar uma determinada comunidade no Facebook com um assunto específico, podendo esta ser aberta ou fechada. O líder da comunidade, e até os convidados, podem publicar informes, comentários, fazer diferentes discussões. Em 21 de janeiro de 2012, quando as

¹ Mestranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc.



comunidades ainda estavam em fase de adaptação dentro do Facebook, foi criado algo neste estilo, denominado de "Mia Couto". O espaço é destinado a divulgar trechos de obras do autor moçambicano (<https://www.facebook.com/pages/Mia-Couto/298257536887970>), moderado por Nara Rúbia Ribeiro, que se apresenta como escritora, advogada e professora universitária. Dentro da comunidade, ela dialoga com o público a partir do perfil pessoal (<https://www.facebook.com/nararubia.ribeiro>) ou de trabalho (<https://www.facebook.com/pages/Escritos-de-Nara>). Com 95 mil curtidores, a comunidade Mia Couto traz um pequeno resumo da biografia do autor e as principais obras.

1.LITERATURA, LIKES E COMPARTILHAMENTOS

Citar trechos de obras e emitir opiniões não é uma atividade nova dentro do universo literário. Não precisaria de uma rede social para que pessoas se reunissem para discutir sobre seus autores prediletos, fazer comentários e destacar o que mais gostam em cada narrativa. Contudo, o que o Facebook proporciona é uma nova maneira de se fazer isso: enquanto as conversas de grupos de amigos ou de intelectuais são mais restritivas, as postagens podem chegar a qualquer pessoa, desde que o conteúdo ganhe relevância dentro da rede social. O que também diferencia uma conversa e a publicação é o tempo. Se o debate entre amigos e colegas tem hora para começar e terminar, a publicação de postagens cria uma narrativa sem fim. Mesmo que o post tenha uma data para entrar no ar, toda vez que é curtido, compartilhado ou comentado recebe uma atualização, mantendo vivo aquele diálogo.

Essa publicação de forma fragmentada no Facebook assemelha-se ao que McLuhan (*apud* OLINDO, 2002) usa para definir algo manuscrito, no qual a produção é feita por incontáveis anônimos - que no caso são os curtidores que compartilham e comentam as publicações e garantem uma narrativa entrelaçada com os fragmentos de obra de Mia Couto - e a sensação de que nunca seria algo acabado, que seria manipulável sempre. McLuhan se refere ao livro manuscrito como uma prática oral e esta oralidade dentro do Facebook não está nos mesmos aspectos que uma leitura em voz alta, mas pode-se perceber na sonoridade das postagens, permitindo uma conversa, das frases soltas que se desenrolam, juntando pessoas diferentes e convidando, conforme ganha relevância o post, mais participantes. A leitura via rede social nunca será solitária. Lê-se a



postagem, mas também os comentários e tece-se uma relação contínua, não linear, assim como a fala.

Outro aspecto que assemelha à oralidade, e da qual destaca McLuhan, é a própria falta de público específico para a leitura clássica. O autor cita a Idade Média, onde poucos sabiam ler, mas eram bons ouvintes. Hoje, poder-se-ia dizer que estas comunidades, com trechos de obras de autores, seria a oportunidade de poder tomar contato com obras mesmo não tendo o hábito da leitura em livros, resultando em novas possibilidades interpretativas para a literatura.

Já Pierre Lévy (1996) explica que a virtualização (independente de ser literatura ou não) não é uma coisa boa, nem má e nem neutra. É um movimento do "devenir do outro", do humano. O autor tenta definir o virtual como um processo de transformação de um modo de ser, que se dá pela retomada da cultura nômade, em que as interações sociais não se estabelecem pela inércia, mas por um movimento constante.

A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse. (LÉVY, 1996, p. 22-23)

Quando passados para a virtualização, a informação, a pessoa ou um ato se desterritorializa, separando-se do espaço físico e do tempo. Com essas alterações, entram em jogo a subjetividade e a significação. Além do nomadismo, o processo de virtualização também interfere nas relações entre privado e público, entre objetivo e subjetivo, entre autor e leitor. Quando se trata de literatura, essa discussão é bastante pertinente porque representa a migração de atos particulares (ler e interpretar) para a esfera pública e o conflito (ou não) com outros membros virtuais. Essa leitura, esse debate se dá dentro de um espaço (como no caso da comunidade), mas também sem este espaço, pois o conteúdo pode ser compartilhado e ganhar as mais diferentes esferas, até fora do mundo virtual.

De uma forma geral, a digitalização deu novas maneiras de ler e compreender um texto, como já vimos. O que muda é que “o virtual só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma atualização, ou seja, uma interpretação, resolverá na leitura” (LÉVY, 1996, p. 40).

Todos estes textos disponíveis digitalmente formam um grande hipertexto que vai crescendo continuamente, num ação de escrita e leitura coletiva. Este é um processo que transcende os papéis KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



entre leitor e autor. Quem produz e estrutura o hipertexto é ao mesmo tempo um leitor e um autor, mas quem lê e se manifesta sobre o hipertexto, torna-se um escritor, como já apontava também McLuhan (apud OLINDO, 2002).

Estes autores/leitores fazem também parte da comunidade Mia Couto, na qual são realizadas postagens diariamente trazendo fotos e frases das obras. Ao final de cada trecho nem sempre há referência de qual obra foi retirada, apenas a menção do autor, que tanto pode ser Mia Couto quando outro da escolha da administradora da página.

Falas Breves



Imagem 1

 **Mia Couto**
27 de agosto

**,Aconteceu assim:
o gatinho gostava de passear-se nessa linha onde o dia faz
fronteira com a noite.
Faz de conta o pôr do Sol fosse um muro.
Faz mais de conta ainda os pés felpudos pisassem o poente.
A mãe se afligia e pedia:
- Nunca atrave... Ver mais**



Curtir · Comentar · Compartilhar **158 compartilhamentos**

485 pessoas curtiram isso. **Principais comentários**

 **Celia Anahin Nara!!! Que honra... Muito obrigada, querida ❤️ Muito obrigada comunidade Mia Couto!**
Curtir · Responder · 2 · 27 de agosto às 20:31

2 Respostas

As postagens são na maioria com foto, belas imagens que, aliadas às poéticas frases, tornam-se inspirações fáceis de serem compartilhadas. Por isso, não é difícil encontrar um post com mais de 500 curtidas. Esses trechos de obras podem ser acessados diretamente na comunidade ou aparecem na timeline dos usuários, podendo se passar por algo que facilmente tenha vindo de fato do autor, Mia Couto. Nara Rúbia Ribeiro, administradora da comunidade, aproveita o espaço e o

KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



engajamento dos fãs do escritor para divulgar o próprio trabalho, tornando-se uma relação perigosa já que não há garantias de que todas as pessoas que acessam aquele conteúdo saibam que se trata de uma comunidade, que uma terceira pessoa (que não é o autor e não tem vínculo com ele) está elaborando as postagens.

Nessa ânsia de publicar imagens belas e frases fortes, alguns deslizes são cometidos. Trechos das obras, em alguns casos (como o mostrado abaixo), não têm referência de origem. Denomina-se uma origem genérica, que, no caso, trata-se de um provérbio africano, mas não explica de onde foi tirado. Mesmo para um leitor assíduo de Mia Couto torna-se confuso porque o autor costuma trazer provérbios que marcam a oralidade e a tradição nas obras, mas não fica claro se Nara de fato pinçou de algum livro ou se buscou em outras fontes.

Imagem 2



Segundo Lévy (1996), no mundo digital não é possível fazer a distinção entre original e cópia e, assim, noções de unidade, identidade e localização misturam-se dentro do ciberespaço. Por isso, as discussões sobre estas apropriações vão para a outra ponta: a do leitor/autor. É a interpretação do que está sendo publicado/compartilhado que entra em jogo. E quando se trata de um texto artístico (que é o caso da literatura) há ainda mais complexidades interpretativas. Não se trata de uma simples linguagem, de uma técnica ou de uma função social. A arte joga o texto dentro de potencialidades ainda mais virtualizantes. A arte questiona os limites do virtual e tende, ao mesmo tempo, a buscar uma saída do aqui e do agora, segundo Lévy (1996). Mas como saber se KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



esta maneira de postar os fragmentos não leva o trabalho de Mia Couto para a construção de uma nova obra? Reinaldo Laddaga (2002, p. 18) conceitua uma obra como uma

seqüência fixa de linguagem que se subtrai à mera circulação de mensagens, que se encontra individualizada por completo sua natureza. Uma obra se destaca, se separa, se distancia do lugar onde surge, para oferecer uma experiência de singular intensidade. Experiência que deveria exceder o espaço das práticas cotidianas

De outro modo, o texto na internet (o hipertexto) se apresenta de um modo muito diferente do que a obra impressa. Online, o texto não pode ser percorrido da mesma maneira sempre. Enquanto no impresso a ordem da narrativa é fixa, no digital as conexões são ilimitadas. O leitor acaba escolhendo, no decorrer da leitura, a seqüência que melhor lhe convém. O problema da escolha é que se acaba caindo em outras dinâmicas, que não são necessariamente literárias. Não existe apenas um espaço para o literário dentro do hipertexto. Dependendo dos caminhos de cada leitor, o destino da leitura pode ser o mais variado possível.

Quando a administradora da comunidade Mia Couto publica o link de uma matéria sobre onde o autor palestrará, os participantes são induzidos a clicar no redirecionamento, que leva para uma página externa, por exemplo. Desta página, além do texto proposto, há também outros assuntos relacionados ou mesmo a home do site. Outro exemplo é de quando se compartilha o fragmento da obra pelo Facebook, esta postagem aparece para outros leitores em meio a notícias, informações pessoais e entretenimento. Misturam-se assuntos privados e públicos, artísticos e factuais.

Em alguns momentos, a administradora da página foge do assunto principal da comunidade, que é Mia Couto e suas obras, e começa a falar de temas aleatórios, como os posts que fez sobre futebol. Ela comentou sobre o fato do Neymar ter se machucado e não poder lutar pela taça da Copa do Mundo. Tudo bem que no período da postagem a competição estava no auge, mas não seria o caso de comentar no perfil pessoal dela em vez de acionar a comunidade? Além da análise, Nara Rúbia pedia palpites para os jogos do dia e recebia muitas respostas dos leitores. Logo abaixo da chamada para as partidas de futebol, fazia uma promoção para divulgar o próprio livro (conforme imagem abaixo).

Imagem 3



 **Mia Couto**
23 de junho

**Aguardando o jogo: Brasil X Camarões.
Quem arrisca o resultado do jogo?
Nara**

Curtir · Comentar · Compartilhar 32 11

 **Mia Couto**
21 de junho

**Eis que a Seleção de Gana brilha em paridade com a Grande
Alemanhã, na Copa do Mundo do Brasil!!!**

Curtir · Comentar · Compartilhar 290 17 15 compartilhamentos

 **Mia Couto** compartilhou a foto de **Esoritos de Nara Rúbia Ribeiro.**
20 de junho

**Queridos amigos,
Sorteio 3 livros meus "Não Borboletarás", Editora Kelps.
Para concorrer, basta compartilhar, convidando também os
amigos.
Grande abraço!
Nara Rúbia Ribeiro**



Se, de um lado, a administradora fugia do assunto proposto na comunidade, de outro, os leitores entravam na brincadeira. Por instantes estavam dialogando sobre Mia Couto e logo o assunto fugia para futebol ou outro tema do dia, levantados durante as postagens.

Apesar dos pontos negativos que comprometem em grande parte a apresentação dos conteúdos de Mia Couto, a comunidade dá pistas de que tende a realmente abraçar questões mais voltadas ao escritor. Não é rara a publicação de links com entrevistas ou matérias sobre o escritor. O exemplo abaixo mostra como pode ser útil a ferramenta para ajudar leitores que desejam acompanhar mais sobre o trabalho dele e é interessante destacar que a matéria gerou até uma rápida discussão sobre a quantidade de livros publicados, deixando o conteúdo da página no Facebook voltado para o que realmente se propõe: falar sobre Mia Couto e suas obras.



Imagem 4



Em algumas postagens, Nara Rúbia faz a citação completa, contextualizando melhor o conteúdo e estimulando quem visualizar a postagem na timeline a procurar mais sobre o livro. Citar ajuda as pessoas também a reconhecerem, no trecho, a lembrar da obra e do que sentiram. Como destaca Olindo (2002), trata-se de um livro que, ensaiando o esmaecimento da voz autoral, mobiliza, por outro lado, uma reflexão radicalmente nova sobre a instância do leitor, que perde a sua função tradicional de intérprete (p. 55).

De outro modo, há também aqueles que mesmo seguindo a página não se atentam ao conteúdo escrito, mas sim às imagens, normalmente impactantes, e travam a discussão para outros caminhos que não os relacionados à literatura. Mas isso faz parte da própria dinâmica da rede social e por se tratar de uma comunidade aberta, todos podem fazer parte, mesmo quem não lê ou leu Mia Couto. Olindo (2002) destaca, a partir de McLuhan, que a forma de experienciar o mundo depende de condições culturais e os processos midiáticos fazem parte disto. Assim, novas formas midiáticas constroem novas percepções, novas realidades.

O que acontece, então, com a comunidade Mia Couto não é uma simples reprodução de fragmentos das obras do autor moçambicano, mas um modo totalmente diferente de lê-lo. Enquanto KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



um leitor tradicional, segundo Olindo (2002), buscava um contexto real dentro do processo identitário pessoal e coletivo, esse texto que aparece interrelacionado na internet (o hipertexto) exige, no momento da leitura, a invenção de contextos para fazer sentido.

O hipertexto distingue-se ainda da noção usual de texto pela sua organização discursiva não linear - ou melhor, multilinear - libertando-se, portanto, do princípio organizativo único - a seqüência - e questionando o próprio estatuto formal do texto, fixo e uniforme, estruturado segundo princípios de início, meio e fim, baseados em conceitos de linearidade e seqüencialidade. Em configurações hipertextuais, torna-se difícil, ou impossível, definir essas marcas, porque inexitem palavras iniciais ou finais em sentido tradicional e qualquer texto pode transformar-se em multiplicidades. (OLINDO, 2002, p. 70)

Com isso, segundo Olindo (2002), o hipertexto liberta a obra literária de um objeto fechado, já que possibilita a experimentação ilimitada da narrativa. As mudanças são incontrolláveis pelo autor/autores e pelos leitores. Trata-se de um complexo diálogo sem ponto de chegada.

CONCLUSÃO

As redes sociais, principalmente o Facebook, questionam a relação entre autor e leitor, tornando essas fronteiras não tão concretas como antes, trazendo o público para uma conexão que até então era particular no processo de leitura, de imersão na obra literária. O universo de ambos (leitor e escritor) se torna público, discutível, transformando algo que era revestido de intelectualidade em algo banal. Não a banalização pelo teor do conteúdo, mas sim pelo compartilhamento desenfreado e descontextualizado das obras. A comunidade Mia Couto é um exemplo da abrangência que um livro, ou fragmentos dele, pode ter nas redes sociais, mas alerta para outros jogos que se estabelecem muito além da relação autor-leitor.

Se, por um lado, temos os fragmentos da obra e o nome do autor que podem chegar a lugares e a pessoas que não teriam acesso àquele conteúdo de outra forma, ampliando o potencial de leitores, de outro temos o risco de que os internautas julguem e tracem relações apenas a partir de trechos das obras. Assim, o texto não se concretiza mais como uma narrativa completa com começo, meio e fim, mas se espalha para criar outra narrativa em meio a diversos assuntos na timeline do usuário.

Não é cabido neste espaço discutir se fragmentar a obra e espalhá-la aos leitores é certo ou errado. Até porque na internet, assim como fora dela, cria-se a todo momento formas diferentes de KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069



encarar a realidade e a ficção, mas a forma e os limites de como é feito devem ser bem marcados. Num sistema de caos de apresentação de conteúdos, baseado em lógica determinada por algoritmos que calculam curtidas, compartilhamentos, comentários, é preciso disciplina ao esfarelar uma obra literária e divulgá-la aos potenciais leitores. A origem do conteúdo deve estar muito bem delimitada para que os equívocos não estigmatizem ainda mais as relações entre a literatura e a internet.

As comunidades de leitores são oportunidades para se chegar mais facilmente às obras, para se conhecer melhor os leitores. Só há de se ressaltar a sobriedade com que deve ser feita essa dinâmica. A clareza é fundamental para regulamentar uma relação de conhecimento que escapa de determinadas instituições, neste caso especificamente da universidade e da crítica literária.

BIBLIOGRAFIA

COMUNIDADE MIA COUTO. **Facebook**. Disponível em <https://www.facebook.com/pages/Mia-Couto/298257536887970>. Acessado em 28 de agosto de 2014.

ESCRITOS DE NARA. **Facebook**. Disponível em <https://www.facebook.com/pages/Escritos-de-Nara>. Acessado em 28 de agosto de 2014.

LADDAGA, Reinaldo. Uma Fronteira do Texto Público: Literatura e Meios Eletrônicos. In OLINDO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

OLINDO, Heidrun Krieger. Processos Midiáticos e Comunicação Literária. In OLINDO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

RIBEIRO, Nara Rúbia. **Facebook**. Disponível em <https://www.facebook.com/nararubia.ribeiro>. Acessado em 28 de agosto de 2014.

IMAGENS

Imagem 1, reprodução, publicado em 27 de agosto de 2014.

Imagem 2, reprodução, publicado em 27 de agosto de 2014.

Imagem 3, reprodução, publicado em 23 de junho de 2014.

Imagem 4, reprodução, publicado em 26 de agosto de 2014.

KRAMA, Gisele. Literatura e facebook: uma obra a um like de distância. . Revista eletrônica *Falas Breves*, v. 3, Universidade Federal do Pará, Breves, maio/2016. ISSN 23581069